



Técnicas para o estudo da dinâmica toponímica

Levy Pereira (Colaborador LEHS/UnB)– pereiralevy@yahoo.com
Jorge Pimentel Cintra (Escola Politécnica da USP) – jpcintra@usp.br

Resumo

O objetivo do presente trabalho é propor uma metodologia para a identificação de topônimos na cartografia histórica e sua variação com o passar o tempo. São comentadas algumas dificuldades e as competências desejáveis na equipe de trabalho, tais como a paleografia, o domínio de línguas, como o latim ou o holandês arcaico, o tupi e outras. São apresentados os passos metodológicos iniciais e as sugestões para montar e trabalhar iterativamente a tabela de correspondência entre seus topônimos, estabelecendo seu sincronismo espacial e temporal. Descrevem-se procedimentos de identificação precisa ou probabilística dos topônimos, tais como contar com as coordenadas geográficas (latitude e longitude) para delimitar a região de busca do topônimo correspondente em mapas atuais, incluindo os casos em que os mapas não estão graduados em longitude. Expõe-se o emprego do Google Earth™ nesse objetivo, com a visualização dos acidentes geográficos tais como descritos nos roteiros, desenhados nos atlas marítimos e vistos pelos marinheiros e, em terra, pelos primeiros exploradores, colonizadores e nativos. Outras considerações são feitas a respeito: do diferente grau de certeza na identificação dos acidentes geográficos; do grau de generalização do mapa em função da escala; da ajuda que podem prestar os roteiros escritos (diálogo interdocumental). Essa metodologia foi sendo desenvolvida e aplicada interativamente na identificação da toponímia das costas brasileira e uruguaia, no período de 1500 a 1700, analisando-se cerca de 180 mapas, num total de mais de 7.600 topônimos, estabelecendo a base para a criação de um dicionário de topônimos dos primeiros mapas dessas costas.

Palavras-chave: Toponímia, dinâmica toponímica, Topônimos da costa brasileira, Metodologia para a identificação de topônimos.

Introdução

O presente trabalho resume o método que se vem desenvolvendo para o Projeto Dinâmica da Toponímia da costa brasileira no período de 1500 a 1700. Nesse projeto maior, foram selecionados 182 mapas, cartas singelas ou pertencentes a 22 atlas, um livro de marinharia, e um roteiro desse período, abrangendo toda a costa brasileira, num total de mais de 7.600 topônimos.

Como os topônimos de um mesmo acidente geográfico variam ao longo do tempo, o desafio é estudar a dinâmica dessas mudanças, procurando identificar os diferentes nomes atribuídos a um mesmo local, através da análise comparativa dos diversos mapas e documentos históricos que o citem.

Nessa tarefa estão sendo empregadas diferentes técnicas e métodos, desenvolvidos e aperfeiçoados durante o processo. O objetivo do presente trabalho é apresentar as conclusões preliminares, que podem servir como um



caminho para outros pesquisadores, inclusive para os que queiram somar-se ao presente projeto.

O método de estudo da *Dinâmica da Toponímia da costa brasileira*

Uma vez selecionados os mapas, roteiros e outras fontes, foram obtidas suas imagens digitalizadas. O passo seguinte foi paleografar e relacionar seus topônimos, classificando esses documentos por tipos ou famílias, utilizando a semelhança toponímica, combinada com outros critérios. Criamos 4 Tipos:

- Tipo A (1500-1508) – Documentos coevos e mapas primitivos com escala de planisfério e baseados em padrões produzidos nos centros cartográficos de Portugal e Espanha, baseados nos levantamentos de Américo Vespúcio, Juan de la Cosa, e outros, com toponímia pioneira de terminologia marinheira, em espanhol, português ou latim.
- Tipo B (1519-1586) – Documentos e mapas do século XVI, desenhados em escala apropriada para a América Meridional ou a grandes segmentos da costa do Brasil, baseados nos padrões reais de Espanha e Portugal, e adições dos centros cartográficos de Dieppe (França), Países Baixos, com toponímia pioneira ou de renomeação, com terminologia marinheira, em português, espanhol, latim ou francês, baseada nos levantamentos como os de Juan de Solís, Diogo Garcia, João de Lisboa, Cristovão Jaques, Martim Afonso de Sousa, Sebastian Caboto, Rodrigo Alvarez.
- Tipo C (1616-1667) – Documentos e mapas do século XVII, baseados no padrão delineado por João Teixeira Albernaz I entre 1616-1627, ou acrescido de contribuições da cartografia neerlandesa no saliente nordestino (1630-1647), em escalas adequadas para representar a costa do Brasil; com toponímia pioneira ou de renomeação, em português, espanhol, tupi, latim ou neerlandês ou com alguma estropiação dos termos; baseada nos levantamentos portugueses, como os de Pero Coelho de Sousa (1603), os ordenados pelo Governador e Capitão Geral Diogo Botelho (1600-1625), nos levantamentos neerlandeses, com destaque para os coordenados pelo Escritório Marítimo do Recife, e por Georg Marcgrave (1635-1643).
- Tipo D (1629-1683) – Documentos e mapas do século XVII, baseados no padrão de João Teixeira Albernaz I (1629-1643), ou neste com implementações da cartografia neerlandesa na costa norte e saliente



nordestino do Brasil entre 1630 e 1647; em escalas adequadas a representar a costa do Brasil ou seus segmentos, com toponímia pioneira ou de renomeação, em português, tupi ou neerlandês, com alguma estrofiação.

Constatou-se que a evolução toponímica por renomeação ocorreu de forma descontínua no tempo, variando bastante por segmento da costa considerado – o caso mais complicado constatado, com o maior número de renomeações, está no trecho da costa norte do Brasil, entre o Amapá e o Maranhão, historicamente disputada por Portugal, Espanha, França, Países Baixos e Inglaterra. Essa grande variação toponímica também ocorreu no trecho que vai do sul do Paraná ao Rio da Prata, disputado por Portugal e Espanha. Isso, combinado com a evolução das técnicas cartográficas no século XVII, resultou na superposição temporal entre os mapas Tipo C e D, evidenciando a existência de assincronia evolutiva no século XVII.

A Tabela 1, abaixo, fornece dados quantitativos do projeto.

Tabela 1 – Dados quantitativos do Projeto *Dinâmica Toponímica*

Tipo de Mapa	Número de mapas	Total de topônimos	Média
Tipo A (1500-1508)	6	161	27
Tipo B (1519-1586)	24	1989	83
Tipo C (1616-1667)	83	3279	39
Tipo D (1629-1683)	69	2244	32
Totais	182	7673	42

Organização do trabalho e da pesquisa

Foram montadas quatro tabelas com os metadados de identificação dos mapas de cada Tipo. Na Tabela 2, exemplifica-se com a tabela com um trecho dos metadados dos mapas do Tipo A. As colunas correspondem ao nome do mapa, autor do mesmo, ano de confecção, centro ou escola cartográfica que o produziu e a fonte de onde se obteve a imagem digital, agregando-lhe um hiperlink, para que o pesquisador possa facilmente visualizar o mapa e obter dados adicionais específicos (dimensões, escala e proveniência).

A seguir, para o estudo comparativo, os topônimos dos mapas foram relacionados em quatro planilhas, uma para cada Tipo. As planilhas ordenam os topônimos cronológica e geograficamente, e para isso eles são inseridos nelas conforme as seguintes regras: a) A cada coluna na planilha corresponde um mapa, ou mapas de um mesmo atlas; b) As colunas estão dispostas ordenadas



cronologicamente da esquerda para a direita; c) Os topônimos são lidos sequencialmente, no sentido horário ao longo da costa; d) Os topônimos são anotados sequencialmente nas linhas da coluna correspondente, e dispostos, de cima para baixo; e) Anota-se o topônimo observando-se sua relação geográfica com os topônimos nas demais colunas. Se for reconhecido como homônimo de um mesmo acidente, é anotado na mesma linha; se não, insere-se uma nova linha; f) Deve-se manter a grafia original de cada topônimo a mais exata possível, inclusive procurando utilizar o tipo de letra mais assemelhado à grafia original, por isso ser indício importante para a análise filológica; g) Na última coluna, anota-se a identificação precisa do acidente geográfico (nome atual), ou sua identificação geográfica probabilística e comentários relevantes.

Tabela 2 – Metadados dos mapas do Tipo A – Século XVI (1500-1508)

Mapa	Autor	Ano	Centro cartográfico	Fonte
[Mapa de Juan de la Cosa].	Juan de la Cosa	1500	en el puerto de S: M ^a , (Espanha)	Museo Naval of Madrid. David Rumsey Map Collection • 0702.013.
Fragment du planisphere envoyé de Lisbonne à Hercule d'Este ... [por Alberto Cantino].	Anônimo	1502	Portugal	Bibliothèque nationale de France • IFN-5970559
[Carta del Cantino] : charta del navicare per le isole novamente trovate in la parte de l'India ...	anônimo	1502	[Itália, cópia de mapa português]	Biblioteca Estense, Modena, Italia. • C.G.A.2
[Planisphere nautique] / Opus Nicolay de Caverio ianuensis	Nicolaus de Caverio	1506	Gênova, Itália	Bibliothèque nationale de France • IFN-55007075
Universalis cosmographia secundum Ptholomaei traditionem et Americi Vespucii alioru[m]que lustrationes	Martin Waldseemüller	[1507]		Library of Congress, USA. • G3200 1507 .W3
Universalior cogniti orbis tabula ex recentibus confecta observationibus Ptolemaeus	Johannes <u>Ruysch</u>	1508	Países Baixos	Biblioteca Nacional (BN), Brasil. • cart209325



Nessa disposição, uma linha corresponde a um acidente geográfico, podendo estabelecer a homonímia, evidenciando a evolução de seu nome ao longo do tempo. Estabelece, também, um vínculo entre os topônimos de vários mapas num intervalo entre feições conhecidas.

Outro recurso foi o uso de cores para assinalar a homonímia e a sincronia na sequência dos acidentes geográficos, como se pode ver na Tabela 3, que contém os topônimos entre a foz do Rio Amazonas e a Baía de São Marcos (Maranhão). As cores utilizadas nessa Tabela são o lilás, para indicar um erro de posicionamento, ou sequência, o verde para assinalar topônimos de acidentes geográficos precisamente identificados, e o amarelo para topônimos ainda não identificados pertencentes a intervalos na sequência de topônimos.

Tabela 3 – Topônimos dos mapas do Grupo B, trecho entre a foz do Rio Amazonas e a Baía de São Marcos — ilustração do uso de cores

Terra Brasilis	Gaspar Viegas	Diogo Homem	Bartolomeu Velho	Luis Teixeira
<u>1519</u>	<u>1534</u>	<u>1558</u>	<u>1560</u>	<u>1586</u>
	b d S Joam			R. das Amazonas
			Ilhas planosas	
			costa baixa	
			arboledas	
				r de p° manayo
				Cabo branco
	costa vista	costa descubierta		
	b do ilheo	B do ilheo		
			G da Páscoa	Rio da Páscoa
	coosta / cura	Costa apraçelada	costa das abertas	↑
				Rio de Capicaguamas
	c das baixas	r das baxas	baixas / amgras / praias	↓
	↓	↓	G de S João	↓
	↓	↓	r da pllaia	↓
	↓	↓	costa do pracell	↓
	as baixas		costa das baixas	↓
	r d S Paulo	r. de s palos (paulo)	r de são paulo	Rio de São Paulo
				Rio das Lamas
Almadyas				
	b d diogo leite	B. de Diogo Leite	G de d° lleite	B. de Diogo Leite



R. dos eseptos	↑	↑	↑	R. dos escravos
↓	r d S marçal	↑	r de s. marcall	↓
↓		R de San Miguel	↓	↓
	costa apcelada	costa apracelada		
	r do parces			
				Serra e trahida / sealvada
	costa dos fumos	terra dos fumos	tera dos fumos	
		b grossa		
		↓	almadias	
	pinare	↓		
	maranhã	O Maranham	r do maranhou	o maranhã

Uma vez estabelecida a posição relativa e a identificação precisa de alguns topônimos, isso permite limitar a busca de correspondências na planilha em trechos entre linhas correspondentes a acidentes geográficos identificados. Em suma, aplica-se um processo iterativo para estabelecer a identificação de um topônimo incógnito, tornando-a precisa ou probabilística com grau de incerteza menor à medida que novas informações são agregadas.

Essa comparação entre diversos mapas permitiu comprovar-se que houve inversão da sequência de topônimos em alguns deles, por distração de escribas ou tipógrafos. Esse método serve como ferramenta eficaz na identificação de topônimos históricos de diversas fontes, tais como mapas, roteiros de navegação, relatórios de expedições e viagens, descrições de percursos, e outros, adaptando-se muito bem ao diálogo interdocumental de fontes históricas e modernas.

Algumas dificuldades e propostas de superação

Apresentam-se neste item algumas etapas, comentando-se suas dificuldades, e como estão sendo superadas.

a) *Paleografia e domínio dos idiomas.* O primeiro passo consiste em decifrar a escrita cursiva nos mapas desse período, tarefa da paleografia, ciência cujos rudimentos se deve conhecer. Algumas vezes deve-se vencer também a barreira da língua, já que há mapas com topônimos, títulos, explicações e legendas em espanhol, latim, italiano, francês, inglês e holandês, em sua grafia



e etimologia arcaicas. Exemplos disso são as diferentes grafias de um mesmo topônimo: *Stom aleixo* e *Stª Ieiro*, para a Ilha de Santo Aleixo no litoral de Pernambuco.

Também é necessário algum conhecimento do português arcaico e do tupi-guarani, recorrendo a dicionários se necessário, pois a etimologia pode facilitar a identificação dos locais. Por exemplo, *R. dos escravos* no mapa [Terra Brasilis](#) refere-se ao rio onde se avistaram nativos com a pele pintada de negro usando o jenipapo. E o rio *gurarafu*, no mapa [Brazil](#), de Antonio Sanchez, pode ser associado com o *R. Grande* do mapa [Americæ nova Tabula](#), de Guilherme Blaeu, já que ambos caracterizam o rio de grande volume d'água, bloqueado da sua antiga foz pelas dunas dos Lençóis Maranhenses, e que ainda mantém seu nome como registrado em 1631. Conhecer a origem de um mapa (centro de produção) ajuda na identificação dos topônimos pelo conhecimento das corruptelas características da equipe que o produziu.

b) Originais e cópias. Ao longo do processo também se vai identificando quais são os mapas mais fiéis aos protótipos, ou mapas padrões, ou estruturantes, construídos com base em dados levantados em expedições exploradoras ou em trabalhos de campo, e quais são aqueles que se servem de outros, para produzir uma cartografia que é cópia, frequentemente com algumas corrupções no traçado, na grafia e no posicionamento dos topônimos, que passam a ser replicadas - e às vezes corrompidas - nos mapas posteriores que se serviram dessa matriz. A maioria baseia-se em fontes portuguesas e castelhanas; no entanto, também devem ser considerados como estruturantes, ou protótipos, os mapas produzidos pelos franceses e holandeses durante o período em que dominaram terras brasileiras (no norte e nordeste), merecendo particular destaque o mapa de Margrave do Brasil holandês. Nesse sentido, também é interessante conhecer as características e competência do cartógrafo e/ou da escola cartográfica.

c) Decifrando a toponímia e a experiência visual. A decifração etimológica dos nomes grafados em várias línguas ajuda nos trabalhos de identificação, pois usualmente indicam características próprias do acidente geográfico, tais como cabo, ponta, parcel, areal, barreiras, lagoa (alagado), rio, monte, baía, praia, ilha, recife, baixo, costa, terra (região), etc., e características específicas, tais como sua forma (curso, arredondado, comprido), cor (branco,



azul, verde, preto), vegetação (palmeiras, arvoredos, mangue, arvoredo seco, descalvado), altura (alto, baixo, fragoso), presença nativa (almadias, fumos, canibais) e outras. Alguns nomes são do santo do dia do seu avistamento (tomados do santoral da época). No caso de topônimos costeiros, usualmente o nome é apostado em função da visão que se tinha a partir da embarcação exploradora, isto é, uma vista do mar em direção ao continente, e jargão marinho. Na costa norte isso é notório nos mapas elaborados desde a descoberta até as primeiras décadas de 1600, quando começa a ocupação do litoral e os nomes passam a ser dados em função da observação em terra e na apropriação dos nomes atribuídos pelos nativos. Isso provocou uma drástica substituição (renomeação) dos nomes e isso resultou no estabelecimento de duas novas tipificações toponímicas em rápida sequência (Tipos C e D). Para simular a visão que tinham os marinheiros, utilizamos o Google Earth™, sintetizando vistas perspectivas a partir do mar. Isso auxiliou na identificação precisa ou probabilística de vários acidentes geográficos como, por exemplo, do denominado *Monte de Li* nos mapas Tipo B (Século XVI) e no [Tratado Descritivo do Brasil](#), de Gabriel Soares de Sousa (c. 1597), situado na costa do Ceará, entre a Baía de Iguape e barra do Rio Jaguaribe. O monte mais destacado na região, nesse trecho da costa, é a Serra Mataquiri, ao sul da cidade de Cascavel (CE) e distante cerca de 14 Km da praia, ao qual se atribui a identificação probabilística do *Monte de Li*.

d) *Levantamentos in loco*. A observação dos acidentes geográficos *in loco* também é um elemento interessante para a identificação. A consulta a mapas atuais, como os do IBGE e os do Google Earth™, facilitam a busca, inclusive a nominal, dos acidentes buscados. Mas essas ferramentas não dispõem de todos os topônimos ou de todas as informações de suas características - os moradores de uma região estão familiarizados com os nomes, e com as características desses locais, inclusive conhecendo as transformações pela intervenção antrópica, preservados na tradição oral. Assim, pesquisadores que os consultem e palmilhem a região, o que pode requerer o emprego de veículo todo terreno, embarcação ou aeronave, agregam informação, como é o caso de um dos colaboradores deste projeto.

e) *Localização probabilística*. Com relação à costa norte brasileira, algumas características dos topônimos são excessivamente genéricas ou



transitórias, não subsidiando uma identificação com segurança. Outros, relacionados com a ocupação humana, há muito tempo foram abandonados, alguns reocupados, renomeados e o topônimo pesquisado olvidado: aldeias indígenas, tráfego de canoas indígenas (almadias), fumos (colunas de fumaça) indicando a presença de nativos, etc.. Ou seja, o grau de certeza da identificação varia entre precisa e probabilística, e isso deve constar para cada topônimo.

f) *Os Roteiros, como fonte complementar.* Outra importante fonte à qual se pode recorrer são textos, em particular os chamados roteiros, como por exemplo, o de Luis Teixeira, intitulado "*Roteiro de todos os sinais...*," (c. 1587). Neles constam textos com procedimentos e alertas de navegação, e desenhos mostrando a costa como ela é vista do mar, e se complementa com mapas. Outros são somente textos, como o *Tratado Descritivo do Brasil*, sendo possível estabelecer o diálogo interdocumental, já que ele pode ser classificado como documento Tipo B, e nele há a referência, por exemplo, ao *Rio Grande dos Tampujas* (Tapuias), o mesmo *Rio Grande / gurarafu* acima mencionados.

g) *As coordenadas geográficas como auxílio.* Em alguns roteiros e relatos de expedições exploratórias, indicam-se não somente os locais em sequência (numa rota), mas também as distâncias, geralmente em léguas. Outros fornecem também as latitudes, o que em conjunto com as distâncias, permite o cálculo das longitudes. As coordenadas geográficas (latitude e longitude) estimadas com esses dados fornecem dados adicionais para auxiliar na identificação dos acidentes geográficos, sendo uma primeira indicação do local em torno do qual se pode iniciar a busca. Em se tratando da toponímia costeira do Brasil, o local tem alta probabilidade de pertencer ao paralelo ou meridiano indicado pela coordenada.

A latitude é a coordenada mais indicada para procurar locais em que o litoral segue aproximadamente a direção norte-sul. Mesmo em mapas antigos, a precisão situa-se na casa de 0,3° a 0,5°, o que restringe a busca a uma faixa de 30 a 50 km, em torno da posição. Em se tratando da longitude, ela se aplica melhor na costa norte, direção leste-oeste. Mas, nesse caso, deve-se atentar para o fato da imprecisão ser grande (2° ou mais = 200km), em função da técnica de obtenção dessa coordenada.

Uma metodologia que permite, em tese, um refinamento nessa situação, é trabalhar, não as longitudes absolutas, mas as relativas, calculando



a proporção entre a diferença de longitude total e a parcial no mapa histórico, e fixar essa mesma proporção em um mapa atual. Passa-se a contar com uma longitude corrigida. Também é muito útil e prática a utilização de ferramentas digitais para a análise cartográfica de mapas históricos. Nesse sentido, vem sendo elaborado um arquivo construído no Google Earth™ e exportável para outras plataformas.

Conclusão

A metodologia apresentada vem permitindo identificar muitos topônimos históricos da costa brasileira e vem-se construindo os fundamentos para um dicionário da homonímia histórica da costa brasileira, voltado para mapas de caráter geral, isto é, em escala pequena. Trata-se de um processo iterativo: as sucessivas reanálises vão resultando em progressiva melhoria do posicionamento geográfico, que vai se aperfeiçoar a cada passada.

Além desses caminhos apontados, não se descarta, é claro, o trabalho feito por autores que empreenderam essa aventura em épocas passadas ou contemporâneas. É a pesquisa bibliográfica; que na presente metodologia deixa-se para o final, para não influenciar no estabelecimento do método e na identificação de topônimos.

Espera-se estar contribuindo para uma identificação de locais que permitirá diversos estudos toponímicos, abordados por diversos ângulos: quantidades de topônimos em função da língua, da proveniência (hagiotopônimos, geotopônimos, ...).

Nesse projeto poderão ser acrescentados outros mapas e documentos. A tarefa de decifrar fica facilitada encaixando-o cronologicamente na planilha de trabalho. Mas como se pode imaginar pela quantidade de mapas e topônimos, trata-se de um trabalho de longo prazo e os pesquisadores interessados são muito bem vindos para somar-se à equipe.

Bibliografia e Iconografia

Não se encontrou até o presente momento nenhuma bibliografia que desenvolvesse uma metodologia como a proposta. Os mapas, e um ou outro livro, citados podem ser encontrados com facilidade, a maioria deles através dos hyperlinks inseridos.